

# A dança em território de gente miúda: dialogias com as múltiplas linguagens infantis<sup>1</sup>

## Dancing in kids territory: dialogies with multiple child languages

## Bailando en territorio de los niños: diálogos con múltiples lenguas infantil



Fernanda de Souza Almeida

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

Email: fefalmeida@gmail.com

**Resumo:** Este texto apresenta o projeto *Dançaarelando* e as vivências em dança com crianças entre 1 e 4 anos, utilizando a integração de linguagens. Por meio da pesquisa-ação, as mediadoras buscaram o diálogo entre dança, poesia, contação de história e desenho, valorizando diversas maneiras pelas quais os pequenos se expressam. A experiência possibilitou observá-los percebendo seus corpos, descobrindo movimentos, conhecendo culturas e criando suas próprias danças. Ademais, a equipe se convidou e foi convidada a imaginar, ousar e se reinventar a cada encontro. Uma construção de saberes proveniente do chão da escola para uma formação docente que repense a fragmentação dos campos do saber, a escolarização precoce e comprometida com uma educação da infância tendo a Arte como um dos pilares.

**Palavras-chave:** Dança. Educação infantil. Princípios metodológicos. Artes integradas.

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização. Contudo, as estagiárias/discentes participantes foram contempladas com bolsas, sendo uma vinculada ao Programa de Bolsas de Extensão e Cultura (PROBEC/PROEC) e outra da Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária (PROCOM), ambas da Universidade Federal de Goiás (UFG). Ademais, o artigo foi motivado pela participação no VIII Congresso Paulista de Educação Infantil: educação como prática de liberdade! (COPEDI -2019), com comunicação oral e resumo expandido intitulados: *Dançando com a pequenada: acolhendo as múltiplas linguagens infantis na escola.*

**Abstract:** This text presents the project *Dançaarelado* and the experiences in dance with children between 1 and 4 years, using the languages integrated. Through the action research, the mediators sought the dialogue between dance, poetry, history and drawing; valuing various ways in which the kids express themselves. The experience made it possible to observe them feeling their bodies, discovering movements, knowing cultures and creating their own dances. In addition, the group was invited and was invited to imagine, to dare and to reinvent itself to each encounter. A construction of knowledge from the ground of the school for a teacher training that re-think the fragmentation of the fields of knowledge, early schooling and committed to a childhood education with art as one of the pillars.

**Keywords:** Dance. Early childhood education. Methodological principles. Integrated arts.

**Resumen:** Este texto presenta el *Dançaarelado* y las vivencias en danza con niños entre 1 y 4 años, utilizando la integración de lenguajes. Por medio de la investigación-acción, las mediadoras buscaron el diálogo entre danza, poesía, cuento y diseño; valorando diversas maneras con que los pequeños se expresan. La experiencia permitió observarlos sintiendo sus cuerpos, descubriendo movimientos, conociendo culturas y creando sus propias danzas. Además, el equipo se invitó y fue invitada a imaginar, atreverse y reinventarse a cada encuentro. Una construcción de saberes proveniente de la escuela para una formación docente que evita la fragmentación de los campos del conocimiento, la escolarización precoz y comprometida con una educación de la infancia con el arte como uno de los pilares.

**Palabras clave:** Danza. Educación infantil. Principios metodológicos. Artes integradas.

Submetido em: 25-07-2019

Aceito em: 08-05-2020

## Infâncias e múltiplas linguagens

A criança é feita de cem  
Cem mundos para descobrir  
Cem mundos para inventar  
Cem mundos para sonhar  
A criança tem cem linguagens  
Mas roubaram-lhe noventa e nove  
A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo.

A epígrafe acima é um trecho do poema *De jeito nenhum. As cem estão lá*, do pedagogo italiano Loris Malaguzzi (EDWARDS, GANDINI e FORMAN, 2015), promotor de uma nova concepção de escola da infância, sistematizada há mais de 30 anos na cidade de Reggio Emília, ao norte da Itália. Segundo Faria (2007), esse educador inaugurou uma abordagem de ensino inovadora e criativa, capaz de valorizar o patrimônio de potencialidades e recursos comunicacionais infantis, na qual todas as atividades pedagógicas se desenvolvem por meio de projetos. Entretanto, esses projetos não podem ser planejados antecipadamente pelas/os docentes, mas provenientes da escuta dos interesses e necessidades das crianças, pois evoluem por meio da exploração das diferentes linguagens.

Uma concepção de criança inventiva, imaginativa, exploradora incansável dos diferentes campos de experiências, portadora de história e de cultura, protagonista e sujeito de direitos, ou seja, crianças de corpos inteiros (PRADO, 2015), com suas ideias respeitadas. Por isso, tal educação acredita nas sensibilidades e inteligências criativas dos pequenos ao compreender o mundo (FARIA, 2015), privilegiando a presença das mais variadas linguagens, de maneira equilibrada, no cotidiano educacional infantil.

Uma aventura educativa que tece conhecimentos durante as experimentações do desenho, maquete, pintura, escultura, mídias, música, dança, dramatização, fotografia, filmagem, jogo e

movimento (EDWARDS *et al.*, 2015), sem incentivos precoces, nem ênfases ao ler, escrever e contar.

Uma prática pedagógica que aceita que o ser humano, especialmente na infância, possua infinitas formas de manifestação. E cada linguagem traz diferentes simbologias. Ao investir nisso com variedade, as crianças terão maior possibilidade de potencializar sua capacidade de simbolismo, comunicação, criatividade, interpretação e interação com mundo. Desse modo, favorecer o contato com paisagens, tanto denotativas como conotativas, amplia as perspectivas de descoberta e invenção da rica e complexa teia do conhecimento, criando oportunidades para a construção das múltiplas relações que envolve o aprender.

Nesse contexto, a arte deveria possuir um papel central na rotina de uma instituição de Educação Infantil, não de maneira utilitária, mas sensível, integrada, plural, expressiva e inovadora.

E, imbuído de tais argumentos, germinou o projeto de extensão e cultura *Dançaarelado*, vinculado ao curso de licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG). Esse projeto oferece vivências em dança para crianças em instituições de Educação Infantil da cidade de Goiânia, almejando despertar na pequenada o interesse por essa linguagem artística como uma possibilidade de descoberta, exploração, criação e jogo com o seu corpo e com o do colega, bem como de novas formas de movimentação e expressão. Uma dança alicerçada nos elementos que a compõem: ações corporais (rolar, saltar, girar, balançar, torcer), peso, apoios, eixos, espaços, tempos, corpo todo, suas partes e sensações (LABAN, 1978; ALMEIDA, 2016), em estreita conexão com a ampliação do conhecimento de si, do outro e do mundo.

*Dançaarelado* é uma das ações inseridas no projeto de pesquisa trienal intitulado *Dançaarelado: a práxis artístico-educativa em dança com criança*, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob registro 51819415.6.0000.5083, acompanhado dos Termos de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) assinados pelas/os responsáveis. Esse alinhamento entre ensino, pesquisa e extensão

possibilita que estudantes graduandas/os conheçam as demandas reais do mundo do trabalho de maneira orientada e supervisionada. Além de, no caso específico deste projeto, terem a oportunidade de percorrer o campo florido da gestualidade lúdica infantil, lidando com os desafios e imprevistos que surgem no caminho, (re)conhecendo as peculiaridades dessa fase da vida.

No ano de 2016, a equipe proponente foi composta pela autora deste artigo e pelas bolsistas Letícia Fonseca (PROBEC), Patrícia Silva (PROVEC) e Yone Milet (PROCOM), mediando intervenções dançantes no Departamento de Educação Infantil da UFG, uma vez por semana, durante 45 minutos, com 30 crianças entre 1 e 4 anos de idade, além de 10 educadoras/es, sendo estas/es professoras/es e estagiárias/os. Uma experiência multietária que buscou não só a interação e a troca de saberes, mas *melar* as fronteiras entre as linguagens, sem perder as especificidades da dança.

Dessa forma, o presente texto objetiva revelar à comunidade acadêmica como as ações interartísticas se desenvolveram a partir das vivências em dança, apontando as percepções da equipe sobre tal proposição, registradas em diários de campo. Uma pesquisa-ação que buscou, como um dos princípios metodológicos, o diálogo entre dança, poesia, literatura infantil, contação de história, representação e desenho, valorizando as diferentes maneiras pelas quais os pequenos se expressam. Ao longo do percurso, foi realizado um cuidadoso e detalhado registro fotográfico e em vídeo, a fim de potencializar as reflexões em diário de campo e as atuações docentes de maneira mais consciente e assertiva. Todavia, tal material não foi analisado para fins desta pesquisa, sendo utilizados, aqui, somente a título ilustrativo.

Segundo André (1995), a pesquisa-ação, na educação, busca um olhar submerso no tema de investigação, a partir dos pesquisadores e participantes, visando alcançar novas/outras possibilidades de abordar as áreas do conhecimento na escola de maneira mais apropriada para determinados grupos. Entretanto, pelas limitações textuais, optou-se por realizar apenas a descrição da experiência, o plano de ação e trechos da reflexão da prática edu-

cativa, transformadora, da equipe proponente do *Dançarelando*, não apresentando o ciclo completo da pesquisa-ação.

Nesse contexto, tal escrito almeja contribuir com uma formação docente que repense a fragmentação dos vários campos do conhecimento, a escolarização precoce infantil e que elimine as dicotomias tão recorrentes nas instituições formais que atendem à criança pequena. Uma escola que, parafraseando o poema de Loris Malaguzzi (EDWARDS *et al.*, 2015), insiste em dizer para ela

pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e não falar. De compreender sem alegria, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal. Dizem à criança: de descobrir o mundo que já existe [...] que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a imaginação, o céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas. E assim dizem à criança que as cem não existem. A criança diz: de jeito nenhum. As cem existem (p. 15).

Nesse sentido, ao escutar a pequenada em suas diversas manifestações, o/a professor/a pode encontrar “com elas” os campos de experiências a serem explorados nos projetos pedagógicos, reconhecendo a escola como um lugar de vida e não de transmissão de conhecimento da/o adulta/o para a criança. A arte pode ocupar um lugar central nesse processo caso o profissional não postule “a descontinuidade entre os conhecimentos aceitos como ‘científicos’ e os provenientes das artes e da literatura” (KISHIMOTO, 2008, p. 8).

Essa perspectiva reivindica, segundo a autora acima citada, a visão das crianças como *cientistas-artistas*, que circulam por diferentes mundos, investigam, descobrem, vivem experiências variadas, com corpos que dançam, representam, sentem, brincam, tracejam e sejam: sejam elas próprias. Mas, para isso, é necessário a presença de um/a adulto/a imaginativo e interessado, que reconheça a infinidade de potencialidades e formas de conhecer o mundo pelas crianças. Professoras/es que convidem, continuamente, essa gente miúda a duvidar, experimentar, explorar mate-

riais, sons, movimentos, ideias e possibilidades, sem expectativas de respostas únicas ou determinados caminhos a percorrer para atingir o *produto final* previsto por eles.

Ademais, Filho e Prado (2011) apontam a escassez de pesquisas voltadas ao campo estético, ao imaginário e à arte com sujeitos de pouca idade a partir de uma concepção mais atual de criança. Com isso, é primordial repensar as propostas com a infância, envolvendo as experiências com arte e movimento. O projeto de extensão *Dançarelando*, além das pesquisas vinculadas a ele, objetivou colaborar com tais aspirações.

## Dança: desenhando palavras pelo espaço

A credibilidade dada à expressão da criança e a abertura a uma escuta sensível, nos fez iniciar o projeto por meio de uma proposta que não foi planejada antecipadamente pela equipe proponente, mas proveniente de um período de um mês de observações da rotina dessa gente miúda e identificação das suas curiosidades e necessidades. Nesse sentido, o projeto foi acompanhado pela imagem do jardim com seus insetos (borboleta, lagarta, caracol, formiga); flores (espécies, partes, crescimento, aromas) e natureza (vento, nuvem, árvore, estações do ano). Esse fato, somado à defesa do faz de conta, imaginação e fantasia, impulsionou uma estreia inspirada no poema *As borboletas*, de Vinícius de Moraes, uma vez que integrava o projeto pedagógico da instituição e inauguraria um evento intitulado *Pi-poesia*, que aconteceria dias depois da primeira intervenção em dança.

Com isso, apresentamos, oficialmente, o *Dançarelando* e a equipe proponente às crianças, cantando e dançando o poema que havia sido musicado pelos educadores da instituição (Fig.1), sendo que cada mediadora representou uma cor de borboleta, improvisando a partir do peso leve e das ações de flutuar, abrir e fechar (ALMEIDA, 2016).

Figura 1. Dançando e cantando “As borboletas”, de Vinícius de Moraes.



Fonte: Fotografia de JRV Imagens (2016).

Após a apreciação estética, conversamos com as crianças sobre suas percepções e as convidamos para dançar flutuando, abrindo e fechando, brincando na luz e pousando suas borboletas de papel em diferentes partes do corpo. Esse material foi preparado em um momento que antecedeu o início do projeto, quando sugerimos que colorissem, com tinta guache e esponja, uma folha em branco motivadas pelas cores brancas, azuis, amarelas e pretas, citadas no poema. Depois do papel seco, recortamos em formato de borboleta (Fig.2).

Figura 2. Papeis pintados com tinta guache e esponja e as borboletas recortadas.





Fonte: Fotografia do autor (2016).

A esse respeito, frisamos que as poesias são embargadas de sonoridade, ritmo, sensibilidade, metáfora e sentimento. Muitas vezes, elas fogem do cotidiano extraescolar da criança e são apresentadas, na maioria das vezes, pelos professores. Dessa forma, é importante despertar o encantamento por esse gênero literário. Em especial, os poemas escritos às crianças buscam uma conexão entre o brincar e o escrever, valorizando o aspecto lúdico da linguagem (ZILBERMAN, 2005).

Aproveitando essa potência simbólica e mágica, o *Dançarelado* proporcionou à criança experimentar a poesia e a musicalização que elas fizeram, em seus corpos, por meio da dança. Notamos um grande envolvimento da maioria delas, principalmente com a borboleta de papel, com a qual experimentaram o movimento do material saltando, girando e brincando com a velocidade do gesto. Uma ação tão satisfatória, adorável e sensível, que dialogamos com esse gênero literário, de maneiras diferentes, mais duas vezes ao longo do processo.

Desse modo, quatro meses depois, utilizamos o poema *A canção da flor de pimenta*, de Cecília Meireles, para contextualizar os aromas e texturas da natureza. Nesse encontro, as crianças massagearam seus corpos com grãos de milho, soja e feijão, bem como com a flor de algodão e óleo de lírio. Também sentiram o perfume do café, da lavanda e de diferentes pimentas, em uma rica experiência de sensações olfativas e táteis para um conhecimento mais aguçado do corpo. Nesse dia, enfocamos em provocar o sistema sensorial das crianças, na busca por uma percepção mais refinada

dos sentidos, favorecendo um despertar para os saberes do corpo e saberes de si mesmo (DUARTE JR, 2004).

No mês subsequente, o poema *Leveza*, também de Cecília Meireles, serviu de estímulo para a vivência do peso leve, conduzido pela imagem de pássaros. Apresentamos esse elemento da dança (ALMEIDA, 2016) às crianças, conversamos sobre o que identificavam de leve na natureza e questionamos como poderíamos transpor essa qualidade de movimento para o corpo que dança. A partir dos comentários, mostramos alguns vídeos com diferentes formas de dança que utilizam tal expressividade e assopramos bolhas de sabão, como um elemento concreto e palpável, para facilitar a compreensão do conceito. As crianças ficaram extasiadas querendo estourar as bolhas. Após muita diversão, sugerimos iniciar as experimentações corporais.

Solicitamos que deitassem e ouvissem a poesia. Na sequência, ao som de músicas com cantos de pássaros, simultaneamente à recitação repetida dos versos, propusemos que dançassem em peso leve, instigadas pelos vídeos, elementos da natureza mencionados e pelo movimento das bolhas de sabão.

Durante o processo, percebemos que o poema possuía um grau complexo de simbolismo para o grupo etário, e as crianças demoraram para compreendê-lo; por isso, decidimos continuar repetindo-o pausadamente enquanto dançavam. Contudo, concluímos que, se confiarmos nas capacidades e habilidades infantis, não podemos limitá-las de experiências mais desafiantes, com equilíbrio e respeito às peculiaridades da infância, podemos surpreendê-las diante do novo e ajudá-las a saborear, suavemente, belas e abstratas palavras que jogam com a linguagem.

Ademais, a experiência estética em arte pertence ao lugar de um saber sensível, com sua maneira própria e peculiar de significação do mundo. Ela nos leva a outras percepções que tangem o mundo de forma poética, mitológica, simbólica, metafórica e contemplatória. São formas diversas de degustação do mundo, aliadas à construção de sentido da vida, que se distanciam da ra-

cionalização, da produtividade, do consumo e das reflexões lógico-conceituais (DUARTE JR, 2004). Nesse sentido, não poderíamos nos limitar a oferecer poesias que as crianças compreendessem, mas seu jogo estava exatamente no espanto e no inusitado.

Além do trabalho com a poesia, investimos na contação de história como outra possibilidade de integrar diferentes áreas do conhecimento atravessadas pela arte. Essa estratégia iniciou-se no segundo encontro do projeto e foi intensamente explorada pela impulsão em direção ao faz de conta, encantamento e imersão na experiência.

Essas características foram apontadas na pesquisa de mestrado de Almeida (2016), que, ao utilizar o lúdico como um dos princípios metodológicos para oferecer a dança à pequenada, notou que o faz de conta ocupou um lugar especial em seu projeto, revelando o prazer que o mundo mágico da imaginação pode proporcionar aos pequenos.

Nesse sentido, Kishimoto (2008) nos recorda que o faz de conta é uma atividade essencial ao universo infantil, uma forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação, na qual oportuniza à criança descobrir-se e apreender a realidade, incentiva a interação entre os pares, a resolução de conflitos e estimula a ampliação do potencial criativo. Além disso, ao brincar, as crianças aprendem a (re)significar os signos sociais, contribuindo para o processo de apropriação simbólica e construção da linguagem (KISHIMOTO, 2008).

A investigação de Almeida (2016) apontou que, caso houvesse a oportunidade de elaborar um novo projeto de dança com essa gente miúda, o trabalho com os jogos populares infantis deveria ser mantido, entretanto a imaginação e as narrativas deveriam ser enfatizadas. Por esse motivo, a contação de histórias foi evidenciada no *Dançarelando*.

A primeira experiência com a contação de história aconteceu por meio da narrativa *A primavera da lagarta*, de Ruth Rocha (Fig.3), no intuito de continuar o assunto das borboletas despertado pela

poesia de Vinícius de Moraes. Como a história apresenta diversos insetos como personagens, usamos os encontros subsequentes para experimentar as possibilidades de movimento que cada animal poderia despertar. Com a lagarta, rastejamos e deslizamos; com o caracol, por outro lado, enrolamos e desenrolamos, sempre instigando a descoberta e a combinação das ações corporais para incluí-las em suas danças. Nesse sentido, partimos da literatura infantil para motivar e (re)significar as proposições em dança, além das discussões sobre a metamorfose da borboleta e identidade/diferença, uma vez que no conto a lagarta é chamada de feia pelos demais insetos.

Figura 3. Durante a contação da história “A primavera da lagarta”.



Fonte: Fotografia de JRV Imagens (2016).

A finalização da exploração de cada personagem e das partes da história de maneira dançada aconteceu, concomitante, ao encerramento do semestre letivo. E, para retornarmos, a bolsista Letícia compôs a história *O recreio dos animais*. Nela, todos os insetos anteriormente trabalhados apareciam novamente, mas dessa vez realizando ações corporais com diversas partes do corpo e de maneira variada:

O Caracol Jr., filho do Sr. Caracol Cascudo era muito divertido. Mas tinha um problema, bastava discordar das regras da brincadeira que já emburrava todo; se enrolava no seu casco e não saía por nada! Pois uma hora ele enrolava e desenrolava só a cabeça, depois as pernas, os braços; enrolava e desenrolava o corpo inteiro. Não adiantava pedir, implorar, nada! Nem pedindo desculpas ele desenrolava (Diário de campo, 23/8/16).

Durante a contação, as crianças imitavam os animais e realizavam os movimentos simultaneamente e, ao final, depois de conversarmos sobre suas percepções, sugerimos que todos dançassem utilizando as ações citadas. Essa estratégia, além de favorecer a ampliação do acervo gestual das crianças, proporcionou o reconhecimento de alguns movimentos que poderiam compor as improvisações e o acesso a uma possibilidade de combinação das ações corporais em formato de dança (ALMEIDA, 2016), retomando o processo vivenciado na primeira fase do projeto.

Cinco encontros adiante, Letícia escreveu uma nova história nomeada de *Criança-flor*. Essa última foi contada e, ao mesmo tempo, a graduanda-bolsista Yone dançava. Era a transformação de uma semente-bebê em árvore-adulto, associando as partes da planta com as partes do corpo das crianças que balançavam, espiralavam e giravam.

Um momento de apreciação estética no qual os pequenos puderam observar como as palavras podem ser hibridizadas com dança de maneira criativa e artística. Uma proposta que contribuiu para que todas/os compreendessem a dança como uma linguagem artística que comunica algo por meio do corpo e do movimento de maneira poética.

Nesse encontro, apresentamos, em vídeo, *O desabrochar de uma flor* (Fig.4), projetado na parede, para oferecer mais elementos para a pesquisa corporal e construir pontes mais concretas com o mundo real. Sobre isso, uma das bolsistas relatou:

nunca imaginei que as crianças fossem gostar tanto, acredito que até hoje nunca tinha visto elas tão concentradas. Durante todo o vídeo, elas mal piscavam os olhos e exclamavam *uau, nossa, olha*. Quando acabou, elas pediram para repetir (Diário de campo, 16/09/16).

Figura 4. Assistindo ao filme *O desabrochar de uma flor*



Fonte: Fotografia de JRV Imagens (2016).

A curiosidade encontrou uma porta aberta para o jardim. Além disso, aproveitando os comentários das crianças, citamos artistas que haviam pintado flores e seus jardins. Destacamos algumas obras de Claude Monet, contextualizando o artista, onde viveu e, brevemente, o estilo utilizado para produzir seus quadros.

Finalizado esse momento de conversa, contamos que nosso jardim (imaginário) havia crescido, porém, estava sem cor. Pedimos às crianças que nos ajudassem a colori-lo, entregando uma fita de cetim, com 1 metro de comprimento, presa em um palito de *hashi*, simulando um pincel. A partir disso, ficaram livres para dançar experimentando as fitas como se pintassem um grande quadro que poderia estar por todos os lados e nos níveis alto, médio e baixo. Todavia, deveriam utilizar, dentre outros movimentos, as ações corporais de balançar, espiralar e girar. Um encontro inundado da arte como um todo!

Em ambas situações, as crianças foram convidadas a imitar os animais e os elementos da natureza como um trampolim para a representação. A representação é a capacidade de elaborar imagens e ideias para representar as coisas, pois supõe estabelecer diferenças entre os objetos, pessoas, situações e contextos em si e seus múltiplos significados.

Nesse sentido, incentivávamos a incorporação dos personagens e a reelaboração dos gestos e das dramatizações para a dilatação das possibilidades expressivas do corpo. Nesse processo, o modelo não era utilizado como padrão estereotipado, no qual as crianças deveriam rastejar como lagartas, apenas para frente, com o corpo todo no chão e em decúbito ventral; elas experimentavam outras possibilidades de rastejar de maneira criativa, ressignificavam seus movimentos, incorporando as ações corporais em suas danças.

Sobre esse aspecto, Bonamin (2007) revelou que:

Muitas vezes existe a dúvida sobre o modo de introduzir alguns conceitos técnicos à aula como, por exemplo, os nomes das partes da estrutura óssea para crianças, achando que elas não vão assimilar o conceito com o próprio corpo. Uma possível aplicação didática para dar conta dessa abordagem somática é trazer imagens concretas da natureza e associá-las ao movimento do corpo. Assim, a criança poderá criar relações entre imagem e movimento, recorrendo ao seu mundo imagético, construído pelas coisas que vê, percebe e sente. Os bichos são excelentes exemplos para proporcionar diferentes organizações do movimento ou para associar partes específicas da estrutura esquelética (p. 106).

Nossa experiência no *Dançarelado* é consoante a tais percepções. De fato, notamos um encantamento e magnetismo das crianças pelos elementos da natureza, não só nesse projeto, mas na pesquisa de Almeida (2016) também. É nítido o prazer e a ale-

gria com que se envolvem com esse tema e como ele pode favorecer a abordagem da dança.

Já a história *Bom dia, todas as cores*, de Ruth Rocha, teve um caminho diferente: não passou pela leitura da equipe propositora, mas foi escutada em áudio do CD *Mil Pássaros*, do grupo Palavra Cantada. Nesse encontro, sugerimos que as crianças desenhassem livremente suas percepções acerca da história (Fig.5). A ideia era priorizar a criatividade, tendo como estímulo o áudio. Algumas desenharam o camaleão, outras pintaram as cores citadas, representaram o sol ou animais do conto.

Debatemos sobre mudar de opinião para agradar aos outros, como acontece na história, além das variadas cores e tonalidades de peles dos seres humanos e suas relações com o acolhimento à diferença. Em seguida, sugerimos que caminhassem pelo espaço observando os desenhos dos demais colegas e que retornassem ao seu. Propusemos um grande desafio: imaginar que o giz de cera fosse o corpo e que dançassem realizando a trajetória do desenho, ou seja, a proposta era que acontecesse um *desenho-dança* com foco nos rabiscos, traço, desenhos e afins (Fig.6).

Figura 5. Desenhando a história “Bom dia, todas as cores” e Figura 6. Tracejando com o corpo no espaço



Fonte: Elaboração própria (2016).

Mais uma ação que buscou não fragmentar a Arte, integrando literatura infantil, contação de história, desenho e dança. Uma vivência muito relevante e sensível, mas bem abstrata e recheada de simbolismo. Dessa forma, notamos que as crianças de 1 e 2 anos não se envolveram tanto; algumas permaneceram desenhando e outras ficaram assistindo. Contudo, apesar da pouca participação desses menores (isso nas expectativas do adulto), refletimos a importância do contato com tais experiências. Estar lá, observar, já contribui para a ampliação do universo cultural e um despertar para uma sensibilidade de captar a beleza do mundo, que, talvez, só seja revelada anos mais tarde, além de apostar na capacidade de interação dessa pequenada.

A esse respeito, é possível notar, na figura 6, uma criança olhando atentamente a exploração de sua colega com a professora. Um momento de contemplação inundado do olhar para o outro. Segundo Matthes (2010, p. 135), “a apreciação estética contempla o olhar que compreende e incorpora a diversidade de expressões e que reconhece as individualidades. Essa fruição enriquece a criatividade e a imaginação”.

Nesse sentido, tais momentos são valorosos e, por essa razão, não obrigávamos as crianças a dançarem a vivência toda. A observação em arte também é uma maneira significativa de participação, além de respeitar os desejos e necessidades dos pequenos. Entretanto, destacamos que nos mantínhamos atentas, incentivando a todos, na tentativa de individualizar cada caso.

Ademais, a apreciação estética, bem como a integração das linguagens, propicia também a educação dos sentidos, favorecendo a ampliação e o refinamento da percepção sobre si, o outro e o mundo, despertando um novo olhar para a realidade.

## Uma trama que ao dançar se entremeia mais

A partir das experiências apresentadas ao longo do texto, é possível destacar as diversas possibilidades de integração entre

dança e palavra por meio de diferentes gêneros literários. Uma trama de símbolos que pode potencializar interesses e hábitos de leitura, uma vez que, além de ouvirem as histórias, mostrávamos os livros, contávamos sobre os autores e as crianças materializavam suas ideias em seus corpos, desenhavam e pintavam os trechos marcantes.

Nesse processo, as meninas e os meninos tiveram oportunidades de comentar, perguntar e relacionar os versos, textos e imagens com suas próprias vidas; um trânsito entre o real e o fictício capaz de criar mundos novos e expandir a capacidade de sentir. Um processo tanto criativo quanto reprodutivo, que incentivou um trânsito sensível pelo campo das percepções, dos sentidos, do imaginário, da fecundidade onírica e das formas expressivas de ações e gestos corporais (VILELA, 2014), transformando a si, as coisas e o mundo sem perder de vista quem/o que realmente são. Um princípio lógico essencial à arte e às linguagens poéticas, nas quais a subversão da identidade e das temporalidades é constitutiva dos processos de significação (SARMENTO, 2005).

Buscamos, em especial, contribuir com a habilidade de ouvir, uma experiência quase cotidiana quanto a arte de narrar, que está em vias de extinção (BENJAMIM, 1994). Uma vez que a atualidade nos invade de velocidade, produção, opinião e informação, o ser humano de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado.

Nesse sentido, partimos do corpo como lócus de saber atravessado por múltiplas linguagens, dentre elas a dança. Um ouvir para decantar no corpo; um corpo que dança. Marques (2015) aponta que corpos que dançam de maneira criativa, lúdica, relacional e autoral poderão constituir redes de relações sociais mais belas, justas e ética. O *Dançarelado* procurou seguir por esse caminho: do encontro com o outro, com a diversidade, com o plural e com a própria dança para a promoção da autonomia, identidade e respeito.

A experiência como um todo possibilitou observar as crianças percebendo seus corpos, aguçando seus sentidos, descobrin-

do movimentos, interagindo com colegas, conhecendo culturas e criando suas danças. Além disso, a equipe se convidou e foi convidada a experimentar ideias, procurar intersecções, brincar com a imaginação e se reinventar a cada encontro, frente aos comentários e questionamentos da pequenada durante as vivências. Uma construção de saberes proveniente da experiência cotidiana, do chão da escola, para uma formação docente comprometida com uma educação da infância tendo a arte como um dos fundamentos.

## Referências

- ALMEIDA, Fernanda de Souza. **Que dança é essa?** Uma proposta para a Educação Infantil. São Paulo, Summus Editorial, 2016.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BONAMIN, Aline. Somar para criar brincando. *In:* LENGOS, Georgia (Org). **Põe o dedo aqui!** Reflexões sobre dança contemporânea para crianças. São Paulo, Terceira Margem, 2007.
- DUARTE JR, João-Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** 3. ed. Curitiba, Criar, 2004.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança - Vol.2.** Porto Alegre, Penso Editora, 2015.
- FARIA, Ana L. Goulart de. Louris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas. *In:* FORMOSINHO, Júlia Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Orgs). **Pedagogia(s) da infância:** Dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre, Artmed, 2007. p. 276-292.
- FARIA, Ana L. Goulart de. **Crianças pequenas e grandes, brasileiras e italianas:** um encontro da pedagogia da infância com a arte. *In:* GOBBI, Márcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato. Infância e suas linguagens. São Paulo, Cortez, 2015. p.155-170.

FILHO, Altino, José Martins; PRADO, Patrícia Dias (Orgs). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, Autores Associados, 2011.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. São Paulo, Summus, 1978.

MARQUES, Isabel. Corpo e danças na educação infantil. *In*: GOBBI, Márcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato. **Infância e suas linguagens**. Cortez Editora, São Paulo, 2015. p. 73-88.

MATTHES, Niulza A. Olhar estético: o cultivo dos sentidos. *In*: GODOY, Kathya Maria Ayres de; ANTUNES, Rita de Cássia Franco de Souza (Orgs.). **Movimento e Cultura na Escola: Dança**. Instituto de Artes da Unesp, Pró-Reitoria de Graduação, São Paulo, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko M. O jogo e a educação infantil. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, UFSC, n. 22, p. 105-128, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko M. Prefácio. *In*: GOBBI, Márcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato. **Infância e suas linguagens**, Cortez Editora, São Paulo, 2015. p. 07-10.

PRADO, Patrícia D. Por uma Pedagogia da Educação Infantil de corpos inteiros. *In*: MELO, José Carlos de; CHAHINI, Thelma Helena C. (Orgs.). **Reflexões e práticas na formação continuada de professores da Educação Infantil**, São Luís, EdUFMA, 2015. p. 205-219

SARMENTO, Manuel J. **Gerações e alteridade**: interrogações a partir da sociologia da infância: pesquisa com crianças. CEDES, Campinas, v.26, n.91, 2005, pp.361-378.

VILELA, Lilian. A Dança e as crianças. *In*: GREINER, C; SANTO, C. E.; SOBRAL, S. **Cartografia Rumos Itaú Cultural dança**: formação e criação. São Paulo, Itaú Cultural, 2014. Disponível em: [https://issuu.com/itaucultural/docs/rumosdanca\\_final\\_issuu](https://issuu.com/itaucultural/docs/rumosdanca_final_issuu). Acessado em: 01 abr. 2019.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2005.

## Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás. Título: *Dançarelado: a práxis artístico-educativa em dança com criança*, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob registro 51819415.6.0000.5083

## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.